



Prezados irmãos :

A prelazia do Rio Negro está de luto. O anjo da morte, dessa vez, veio ferir uma das figuras mais venerandas e representativas de nossa Missão. Trata-se do :

Pe. Antônio Giacone

representante clássico dêsses operários de primeira hora, que durante mais de 43 anos de trabalho indefeso e extraordinário, deixou aqui, marca profunda e indelével de sua passagem, na catequese dos índios do Uaupés e na decisiva transformação do grupo Tucano.

Os seus primeiros trabalhos, como salesiano, exerceu-os na Itália, em Pinero o, onde fêz o tirocínio sob a orientação do Padre Nigra. Seguiria posteriormente para o Chile onde seria ordenado sacerdote. O Rio Negro já exercia, porém, fascínio irresistível em sua alma. Chegou a S. Gabriel, em 1925, sendo logo enviado para a residência indígena de Taracuá. Ali, foi encontrar, sob o regime de internato, uns quarenta índios tucanos.

Ao nôvo apostolado dedicou-se de corpo e alma. Terminado o seu primeiro ano de trabalho, já era de se notar profunda transformação naquelas almas simples e ingênuas. A par de seu zêlo extraordinário na evange ização dos tucanos, começou a penetrar àvidamente em sua alma, em suas tradições, em seus costumes, em sua forma de expressão, tornando-se conhecedor profundo dessa língua, nela passando a elaborar uma gramática, um vocabulário mais ou menos amplo e variado, e um catecismo que se tornaria depois a principal fonte de orientação para os que se davam à evangelização dêsses índios. Isso lhe valeu o título de sócio do Instituto Histórico do Amazonas.

Mas o seu apostolado não se restringia únicamente ao âmbito dos internatos, das residências; tornou-se um viajor contumaz e arrojado. Embora de compleição fraça e doentia, começou a percorrer infatigavelmente o Alto-Uaupés e seus afluentes nessa ânsia admirável de transmitir a palavra de Deus até onde e quando lhe permitissem as fôrças de seu corpo e de sua alma.

A sua vida tornou-se uma odisséia, transformando as ubás, em que navegava em altares errantes. Palmilhou integralmente tôda a bacia do Negro.

Tornou-se uma das figuras mais conhecidas da região. Mas essa vida, tôda dedicada ao serviço de Deus e marcada por uma série ininterrupta de doenças, privações e sacrifícios, acabaria por refletir os sintomas dessa natureza pomposa, mas agressiva. Em 1963 teve de retirar-se das missões. O esgotamento físico já lhe não permitia tergiversações. Com a alma em pranto, abandonou o

campo da luta. Assim, foi enviado para o colégio de Ananindeua às proximidades de Belém. Longe, porém, de procurar o repouso exigido pelo seu estado de saúde, passou a trabalhar com o mesmo ardor, com a mesma constância, apanágio de sua vida de missionário itinerante.

Mas isso lhe foi fatal; veio o primeiro enfarte. Amparou-o, nesse momento o desvêlo por ele nunca desmentido, da Aeronáutica. Internaram-no no grande hospital dessa corporação militar e cercaram-no de todo o carinho e cuidado. Os militares, sobretudo os da Aeronáutica eram seus grandes amigos. E, por parte dêles, essa amizade era retribuída largamente. Em 1966, por ocasião de um congresso de etnólogos sobre língua indígenas da América do Sul, realizado em Montevideu para ali foi mandado por insistência da F. A. B. que o foi levar até lá.

Como não era esperado nem tinha sido convidado, passaram a vê-lo e medir-lhe os dotes com muita desconfiança. Mas quando o velhinho passou a discutir com extraordinária desenvoltura na língua tucana, aqueles sábios, cujo conhecimento das línguas indígenas era por demais limitado, ficaram tomados de espanto. E o nome Salesiano e a sua obra evangelizadora no Rio Negro projetaram-se intensamente.

Retornando a Belém, como se acentuasse a sua debilidade física agravada por dôres atrozes de um reumatismo crônico, pensou em ir à Itália. Agravou, porém, o seu estado de saúde o rigor do inverno. Retornou ao Brasil, agora passando a fazer parte da comunidade Salesiana do Colégio do Carmo, em Belém do Pará.

Como se acentuasse o seu mal, novamente o internaram no hospital da Aeronáutica, sendo dali, pouco depois, levado para a cidade de Araxá, por seu grande amigo o Coronel Santana. Nada, porém, lhe mitigou as dores. Visando exames mais acurados, foi até Goiânia. Veio, então, à luz a extrema gravidade de seu estado de saúde. Foi transportado imediatamente para Recife. Ali, chegou sem aviso, procedente de Brasília, no dia 28, à noite.

Estava muito magro e se dizia portador de reumatismo na espinha. Acrescentou que estava esperando as radiografias que tirara em Goiânia. Examinado, verificou-se a existência de câncer na próstata com metástase na espinha.

O enfarte que tivera, em Belém, não permitia ser Ele operado. Internaram-no no Hospital Português, no dia três de Outubro, às 9 horas, o médico fez a requisição de todos os exames e radiografias. Ele parecia muito alegre. Conversou muito com D. Lustosa, que estava também internado. Às 9 horas, comungou. Às 23 hs., pediu um chá. A uma hora da madrugada do dia 4, sexta-feira, acusou forte dor no coração. "A dor do coração..." "Acho que vou morer..." "Vou morrer mesmo". O assistente deu o alarme. Acorreram, à sua cabeceira, uma irmã de S. Ana, uma enfermeira e um enfermeiro. Não havia mais nada a fazer: um segundo enfarte victimara-o.

Foi levado para o Colégio. Às 15 horas, missa de corpo presente. Às 16 hs., o enterro. A notícia de sua morte correu célere, deixando em todos os que o conheceram a mais profunda consternação.

Foi, realmente, uma perda irreparável para as missões do Rio Negro, para a família Salesiana, para a grande roda de amigos que tiveram a sorte de conviver com Ele.

Viveu para a sua Sociedade Salesiana, viveu para os seus índios, viveu para os seus amigos e, sobretudo, viveu para evangelizar com esta coragem e denôdo que são a constante das grandes almas consagradas a Deus.

Pe. Francisco Laudato

Diretor

Padre Antônio Giacone, nascido a Montalbo Roero (Cúneo — Itália) aos 3 de junho de 1897, falecido em Recife (Brasil) aos 4 de outubro de 1968 com 71 anos de idade e 52 de profissão. Foi por dois anos Diretor.
